



AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES

SILVA, Áurea de Freitas da¹

XAVIER, Isabela Noely²

CAVALHEIRO, Sílvia Aparecida³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar o processo de ensino da leitura na Educação Infantil. Este estudo é resultado do trabalho de conclusão de curso neste sentido, discute teoricamente a contribuição da Literatura Infantil na formação de leitores, analisando como os professores devem participar deste processo. Considerando a pesquisa bibliográfica e observando que a escola deve realizar um trabalho efetivo, utilizando diversas práticas pedagógicas no trabalho com a literatura, busca-se por meio desta investigação, encontrar metodologias e ferramentas para a efetivação deste trabalho. Para tanto, foram utilizados os documentos oficiais da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação entre outros autores, como: Lajolo e Zilberman (2004), Silva (2009), Solé (1998), Frantz (2011), Filho (2009) e Cunha (2003), teóricos que salientam a necessidade de um trabalho contínuo de incentivo e ensino da literatura para se chegar a um resultado satisfatório. É importante também destacar o auxílio da família neste processo, pois o exemplo tem grande influência na formação global da criança. É mais fácil convencer uma criança a ler se os adultos que a rodeiam também possuem o hábito da leitura. Porém, verifica-se uma grande lacuna entre o que preconizam os documentos oficiais e a prática realizada em sala de aula. Sendo assim, a partir desta pesquisa, pretende-se encontrar respostas aos anseios dos professores no que se refere à formação de leitores fluentes, ou seja, que possuam uma visão prévia da leitura, a compreensão durante a leitura, e após a leitura, apresente certa criticidade e autonomia perante os desafios da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de leitores. Literatura Infantil. Leitura. Autonomia. Compreensão.

THE CONTRIBUTIONS OF CHILDREN'S LITERATURE TO LEARNING TRAINING

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the process of teaching reading in Early Childhood Education. This study is a result of the work of conclusion of course and in this sense, theoretically discusses the contribution of Children's Literature in the training of readers, analyzing how teachers should participate in this process. Considering the bibliographical

1Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. aurea.defreitas@hotmail.com.

2Acadêmica do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. isabelinhaxavier2010@hotmail.com.

3 Professora Orientadora Especialista, profsilviafag@hotmail.com

research and observing that the school must carry out an effective work, using several pedagogical practices in the work with the literature, it is searched through this investigation, to find methodologies and tools for the accomplishment of this work. In order to do so, we used the official documents of education, the Law of Guidelines and Bases of Education among other authors, such as: Lajolo and Zilberman (2004), Silva (2009), Solé (1998), Frantz (2011) Filho (2009) and Cunha (2003), theorists who emphasize the need for a continuous work of encouraging and teaching literature to reach a satisfactory result. It is also important to highlight the family's assistance in this process, as the example has a great influence on the overall formation of the child. It is easier to persuade a child to read if the adults around them also have a habit of reading. However, there is a great gap between the official documents and the practice in the classroom. Thus, from this research, we intend to find answers to the anxieties of teachers regarding the formation of fluent readers, that is, having a prior view of reading, understanding during reading, and after reading, present a certain criticality and autonomy in the face of the challenges of society.

KEYWORDS: Training of readers. Children's literature. Reading. Autonomy. Understanding.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a relevância da Literatura Infantil para a formação de leitores, que induz a criança à exploração de mundo, na qual a realidade e os sonhos se integram. A fantasia e a realidade estão interligadas, levando a criança a uma viagem, descobrindo e atuando em um mundo mágico repleto de descobertas e imaginações, tão presentes na infância da criança. Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, cujos autores afirmam a necessidade do trabalho com a literatura infantil, no universo da criança. Como ressalta Solé (1998), o professor deve usar estratégias para aguçar a curiosidade da criança e o prazer pela leitura.

O trabalho foi organizado em etapas: Contexto Histórico, Legislação, Currículo e o trabalho pedagógico com a Literatura. Na etapa do contexto histórico foram utilizadas referências como Lajolo e Zilberman (2004), nessa obra as autoras traçam o percurso histórico em que a Literatura Infantil, a criança e a escola percorreram para chegar ao modelo que se tem hoje.

É direcionada uma etapa do trabalho para a legislação referente à literatura infantil, com apoio na Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, que explicita seu caráter na responsabilidade de expandir a apropriação da leitura, sem especificar a organização curricular. Nessa mesma perspectiva, tem-se a Base Nacional Comum Curricular (2016), um documento novo, que em sua redação destaca áreas como, por exemplo, a área de linguagens levando o educando a refletir sobre as questões históricas, sociais e culturais, que levaram a colonização do Brasil. O Currículo para Rede pública municipal de ensino de Cascavel faz

encaminhamentos direcionados ao trabalho da literatura infantil nas escolas, fazendo sua separação por eixos, o trabalho destaca o eixo da leitura/recepção textual (CASCAVEL, 2008).

Na última etapa apresenta-se o trabalho Didático/Pedagógico, no qual Filho (2009) ressalta o mérito do precursor da Literatura Infantil Brasileira, Monteiro Lobato, numa proposta transformadora dando voz a criança utilizando uma boneca feita de pano, chamada Emília. Nessa mesma linha de pensamento de autonomia da criança, Solé (1998) destaca o valor do educador desenvolver um trabalho voltado para a emancipação da criança. Nessa obra a autora destaca que ao desenvolver uma atividade, o educador deve trabalhar com encaminhamentos e sair da educação tradicional.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A Literatura Infantil surgiu em um momento da sociedade em que se deixou de ter adultos em miniatura e surge à figura da criança, em decorrência dessa mudança aparece o termo ‘infância’⁴. Estas mudanças foram de grande expansão para a sociedade provocando efeitos no setor artístico e resultando em uma nova reorganização na instituição escolar.

Com esse novo modelo da sociedade, a família recebeu uma nova reorganização do trabalho entre seus membros na qual ao pai é designada uma função, a mãe e a criança passam a ter a preservação de sua infância, porém, são dadas atribuições. A criança então passa a deter um novo papel na sociedade. Segundo Lajolo e Zilberman (2004):

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. Todavia, a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo da atenção e interesse dos adultos, que de exercer uma atividade econômica ou comunitariamente produtiva, da qual adviesse alguma importância política e reivindicatória (LAJOLO e ZILBERMAN, 2004, p.17).

Neste momento em que criança passa a ter direito a infância, percebe-se que algumas instituições começam a ter um olhar diferenciado, a escola neste momento assume um papel

⁴Segundo Ariès (1978), em sua obra História Social da Criança e da Família, a ideia da infância em um percurso histórico e análise de obras de arte, o autor salienta que durante toda a idade média não havia um sentimento de infância. O que só começou a despertar com os ideais da modernidade burguesa, esse sentimento de infância passa por algumas fases, em resumo para Ariès a infância é um sentimento tipicamente da modernidade.

primordial se qualificando como ambiente de mediação entre criança e sociedade, exibindo a complementariedade entre estas instituições e a neutralização de confusões entre as mesmas.

Segundo Lajolo e Zilberman (2004), a escola incorpora outros papéis que contribuem para reforçar seu valor, transfigurando-se neste momento imprescindível na vida social, e por forças legais torna-se a ser obrigatório a todas as crianças da sociedade, não somente para as da burguesia. Tirando das fábricas, um contingente respeitável de operários mirins.

A relação entre literatura e a escola inicia-se no momento em que, o acesso à escola é para todas as crianças de qualquer classe social, e as obras impressas ficam mais acessíveis, a literatura se torna o meio em que media a criança e a sociedade de consumo. A escola tem o papel de estimular esta relação, além de tutelar à criança contra as agressividades do mundo. A Literatura Infantil chega para dar asas à imaginação da criança, mas ao mesmo tempo tendo um olhar do adulto, incorporado nesta mágica viagem, deixando sua mensagem na compreensão da Literatura Infantil. Segundo Lajolo e Zilberman (2004):

Outras características completam a definição da literatura infantil, impondo sua fisionomia. A primeira delas dá conta do tipo de representação a que os livros procedem. Estes deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo. Em outras palavras, não se trata necessariamente de um espelhamento literal de uma dada realidade, pois, como a ficção para crianças pode dispor com maior liberdade da imaginação e dos recursos da narrativa fantástica, ela extravasa as fronteiras do realismo. E essa propriedade, levada às últimas consequências, permite a exposição de um mundo idealizado e melhor, embora a superioridade desenhada nem sempre seja renovadora ou emancipatória (LAJOLO e ZILBERMAN, 2004, p.19).

Quando esse escritor é um adulto, além de passar uma mensagem nas entrelinhas, ele também dissemina ao leitor uma concepção para a realidade histórica, essa ideia de realidade pode vir agregada de muita fantasia na qual ela idealiza um mundo melhor.

Segundo Frantz (2011), a Literatura Infantil e a criança estão na mesma perspectiva e desfrutam das mesmas sensações da fantasia e do ludismo, assim a criança por meio da literatura consegue compreender as indagações que se faz a todo o momento.

O professor utiliza a literatura como ferramenta para mediar o processo da vida afora, e o aluno busca nela a resposta para suas curiosidades e para o reconhecimento do eu enquanto ser humano. Neste sentido, o professor utiliza a literatura infantil como uma metodologia pedagógica ou como uma arte. Segundo Filho (2009):

Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: Fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/ impossível realização (COELHO *apud* FILHO, 2009, p.22).

O autor destaca que a partir da Literatura Infantil, o aluno pode ser mais criativo, estimulando o imaginário da criança, fazendo com que tenha uma visão bela do mundo e da vida. A literatura é um meio de interdisciplinaridade que aproxima a criança para as outras ciências.

Para reger o trabalho nas escolas, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, traz em seu Art. 32ª a obrigatoriedade do ensino básico para nove anos, e em seu parágrafo I, dispõe que as escolas devem trabalhar com seus alunos o desenvolvimento da leitura, escrita e cálculo. Conforme LDB nº 9394/96 Art.32, parágrafo I:

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)
I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; (BRASIL, 1996, s/p.).

A lei explicita o seu caráter responsabilidade em desenvolver apropriação e leitura; mas não especifica, até porque isso é uma atribuição da organização curricular das instituições de ensino.

A Base Nacional Comum Curricular (2016), em sua redação aborda a área de linguagens, apresenta seis competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental, a primeira coloca: “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais”. Faz com que o educando se reconheça como pertencente dessa comunidade e compreenda as relações de multiculturalismo.

Essa forma de linguagem leva o educando a refletir as questões históricas, sociais e culturais as quais levaram a colonização do Brasil. Dessa maneira, o ensino deve estar voltado a redução da desigualdade, visando uma sociedade justa. Para que fosse efetivada, de fato, nas escolas em março de 2008, a Lei n. 11.645 alterou o artigo 26-A da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, tendo a seguinte redação:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileira (BRASIL, 1996, s/p.).

Com isso, a literatura passa a ter o papel de levar ao leitor informações as quais a sociedade já vivenciou, e fazer com que esse leitor conheça determinadas épocas que foram marcantes para determinados povos, tendo o objetivo de que os educandos conheçam a diversidade de povos brasileiros e que acima de tudo haja respeito entre esses povos.

Segundo Filho (2009), para trabalhar esses conteúdos o desenvolvimento pode acontecer de várias formas, por exemplo, trazer para criança o contato com importantes elementos culturais como objetos, instrumentos musicais, vestimentas, entre outros, e várias etnias e culturas distintas. O autor coloca ainda, que ao escolher os livros para se trabalhar o cumprimento da lei é preciso se atentar com:

[...] aqueles que realmente tragam elementos importantes para o conhecimento dessas culturas na construção da identidade plural do povo brasileiro, já que esse mecanismo legal foi responsável por trazer à porta da sala de aula vários textos não representativos dessas vertentes culturais (FILHO, 2009, p. 93).

Como demonstra o autor, nota-se a necessidade de haver formação continuada aos educadores, sendo voltada para a literatura e a leitura a respeito desse contexto social.

Neste contexto, o Currículo do Município de Cascavel no eixo da leitura/recepção textual, faz encaminhamentos que são essenciais para entender os conceitos realizados pelos hábitos sociais que resultam nos processos de objetivação, a exemplo desses processos de objetivações temos a linguagem escrita que o ser humano utiliza deste mecanismo para se comunicar.

Quando se utiliza a ferramenta da escrita para transmitir alguma informação, o leitor consegue distinguir a cultura, época e local em que o texto foi produzido. Conforme Cascavel (2008):

Por meio do registro verbal, pelo código escrito, o texto conserva a expansão do conteúdo de consciência humana de modo cumulativo. Ao lê-lo, o leitor entra em contato com manifestações socioculturais no tempo e no espaço. Daí advém uma ampliação de conhecimento que lhe permite compreender seu papel como sujeito histórico (CASCABEL, 2008, p. 326).

A leitura e a escrita ampliam a compreensão de seu público, toda escrita tem um objetivo e este pode estar explícito ou não no texto, cabe ao leitor decifrar. Neste sentido, o trabalho do professor deve ser de mediador, e deve propiciar momentos de leitura individual e grupal, para que seja desenvolvida a criticidade do aluno. Conforme Cascavel (2008):

[...] é necessário que o trabalho com a leitura, mediado pelo professor, propicie a formação de um leitor que apreenda o significado/sentido dos discursos, interpretando os elementos sócio-históricos que o constituem. Logo, para que o leitor compreenda tais elementos, é relevante considerar a relação da língua com a história, sendo essa regida pelo mecanismo ideológico. Assim, não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia (CASCAREL, 2008, p. 326).

Ao realizar a leitura, o sujeito se desenvolve e aprimora suas capacidades de escrita, aprimorando também sua capacidade de decodificar textos e podendo ainda a ter uma noção do momento histórico em que o texto e o autor se encontram.

A leitura contribui com informação, conhecimento, apropriações didático-pedagógicas e, seja para um desenvolvimento crítico, cognitivo ou um pensamento autônomo, a leitura transforma o pensamento e a ação do leitor, trazendo a interpretação textual para a realidade do cotidiano. Nessa trajetória de descobrimentos, cabe ao professor ser o mediador dessa interlocução, auxiliando e agindo de forma a acender o desejo pela leitura. Segundo Cunico (2014):

[...] as práticas de leitura e escrita contribuirão para que o aluno perceba de forma crítica a realidade onde vive. É fundamental que ele seja orientado no sentido de que quem escreve está dirigindo-se a “alguém” com o objetivo de “dizer” algo, já que o texto, portador de discursos que materializam e legitimam as vozes, dá visibilidade a uma determinada “imagem” do mundo, uma “visão” sobre a realidade, revelando a presença do outro num processo de interlocução entre autor, texto, leitor (CUNICO, *et al*, 2014, p. 19).

Segundo o autor, fica a incumbência de cada professor trabalhar com seus alunos, o ler e o interpretar de forma coerente aos intentos do autor. Realizar entre os alunos um debate de ideias, uma interação verbal, buscando descobrir assim, os significados do texto, aproximando o leitor do texto e ampliando suas relações de mundo.

Conforme Souza (2009), a leitura tanto em sala de aula, quanto na biblioteca, deve ser mediada por um educador, sendo conduzida de forma democrática, pois a memória de leituras anteriores e a cultura convergem em “biblioteca vivida”:

Pela conversão de obras num meio de cultura, dá-se relevo à função formadora da leitura e à constituição da biblioteca vivida. O desenvolvimento dessa função incrementa no leitor a capacidade de compreensão e discernimento do mundo, de investigação e de posicionamento crítico perante a realidade. A constituição dessa biblioteca, por sua vez, integra socialmente o leitor, pois, por meio dela, ele se apropria de sua herança cultural (SOUZA, 2009, p.12).

Para o mesmo autor, a leitura de um livro como construção de sentidos, não é algo previamente constituído e sim, construído durante a leitura, simulando uma coexistência com o mundo inventado por meio da imaginação.

Segundo Yunes (2009), no desenvolver do gosto pela leitura, à literatura tem um papel importantíssimo, ao ouvir uma história contada por alguém que burburinha seu ofício como um poeta, a criança: escuta, viaja num mundo de fantasias, pensa e sente a necessidade de falar, de dialogar, assim as ideias ganham cores próprias da imaginação que ao falar o receptor se torna emissor, e segue assim, alternando e estimulando a participação coletiva.

O autor ressalta a relevância da prática da oralidade, do falar num linguajar de fácil entendimento, expressar de forma que se faça entender, para que a leitura oral não se torne maçante para o receptor. Monteiro Lobato em sua obra encena, no Sítio do Pica-Pau Amarelo (1973), coloca um exemplo de como é difícil à leitura do livro de Miguel de Cervantes para as crianças entenderem:

E Dona Benta começou a ler:

– “Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo dos da lança em cabido, adaga antiga e galgo corredor”.

– Ché! – exclamou Emília. – Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! [...]

[...] Nós, que não somos viscondes nem viscondessas, queremos estilo de clara de ovo, bem transparentinho, que não dê trabalho para ser entendido. Comece.

E Dona Benta começou da moda dela:

– Em certa aldeia da Mancha (que é um pedaço da Espanha), vivia um fidalgo, aí duns cinquenta anos, dos que têm lança atrás da porta, adaga antiga, isto é, escudo de couro, e cachorro magro no quintal – cachorro de caça (LOBATO *apud* YUNES, 2009, p.16).

Conforme Yunes (2009) é importante que a narrativa da história seja compreendida pela criança. Ao contar uma história, é importante que o livro esteja ao alcance da criança, para que veja as imagens, que haja o contato da criança com o livro, sentir a textura quer seja de papel, de pano ou de plástico, olhar seu formato, seu cheiro, deixar que a criança se familiarize com o objeto e crie uma empatia com relação ao livro, à escrita. Porém, não deixa de ter sua relevância a primeira parte, que é a narrativa oral.

Para Silva (2009), existem várias formas de leituras: a leitura mecânica, aquela que se propõe a decifrar os códigos e os sinais; o autor referencia a ‘leitura de mundo’ de acordo com a visão de Paulo Freire, aquela em que o indivíduo desde quando nasce já começa a fazer sua leitura de mundo, e no decorrer de sua vida vai ampliando seus conhecimentos, ou seja,

decodificando seu mundo, sua existência e assim segue até sua morte. E a última tão importante quanto, a leitura crítica:

Inicialmente, temos a **leitura mecânica**, que consiste na habilidade de decifrar códigos e sinais. Até pouco tempo, pensava-se que a alfabetização resumia-se a isso: transformar os sinais pretos sobre a folha branca em sons identificáveis a palavras. [...] Outra forma de leitura é o que Paulo Freire denominou **leitura de mundo**. Diferente da leitura mecânica, na qual nos iniciamos na escola, a leitura de mundo é um processo continuado, [...] A terceira forma de leitura é a **leitura crítica**, que avalia a leitura mecânica à de mundo, numa postura avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com as outras já feitas, questionando, tirando conclusões [grifos do autor] (SILVA, 2009, p.23,24).

O autor salienta que, antes da leitura mecânica, o professor deve estar ciente que o aluno vem carregado de uma bagagem cultural e que esta deve ser levada em conta.

Nesta mesma perspectiva Solé (1998), afirma que para compreender o texto, o leitor utiliza seus conhecimentos de mundo e os conhecimentos do texto. Assim, os professores devem utilizar de estratégias, pois são ferramentas fundamentais e eficazes para o desenvolvimento da leitura proficiente. O papel do professor é no sentido de formar um leitor crítico, independente e reflexivo, preparando seu aluno para uma sociedade letrada. Para tanto, o aluno tem que saber ler, compreender o que leu, e interpretar vários tipos de textos escritos, com seus objetivos e intenções.

Para o autor, as estratégias podem ser utilizadas antes, durante e após a leitura. “Estratégias antes da leitura” o professor deve ter em mente: ensinar a ler é mais que aplicar estratégias ou técnicas de leituras, o ato de ler é uma ferramenta de aprendizagem, de conhecimentos e para o encanto do leitor. Se o professor não sente prazer pela leitura, não obterá êxito ao transmiti-la a seus alunos. A leitura tem que ter um objetivo, para que possa ser compreendida e compartilhada. “Estratégias durante a leitura”, o professor pode empregar a tática da leitura compartilhada, o aluno aprende a leitura independente, aprende a assumir gradativamente a responsabilidade e o controle do seu próprio processo, aprendendo também as estratégias colocadas pelo professor. Uma das estratégias é a utilização do dicionário, pois o aluno pode ter dificuldade de interpretar algumas palavras do texto, outra dificuldade que pode surgir é a não compreensão de frases, ou alguma parte do texto, isso pode ser resolvido com a continuação da leitura. “Estratégias após a leitura” é utilizar o recurso do resumo, que une o objetivo da leitura, seus conhecimentos anteriores e a informação que o autor propôs em seus escritos.

Essa combinação de compreensão do texto lido vai ajudar a identificar a principal ideia do texto e os outros detalhes secundários. É importante o professor ensinar ao aluno o

porquê resumir e como fazer, resumindo juntos, professor e aluno, assim o aluno aprende a usar a estratégia com autonomia. E principalmente, não esquecer que a leitura de mundo e a leitura mecânica, se complementam.

É fundamental que o leitor tenha um objetivo na sua leitura, pois para que esta seja significativa é necessário que ele esteja envolvido. Esta leitura só será motivada se estiver ligada aos interesses do leitor.

Para o professor é difícil encontrar leituras que agradem a todos os gostos de seus alunos, por isso é necessário que o professor desperte o interesse de seus alunos no tocante à leitura, possibilitando diferentes suportes que incentivem a curiosidade e o interesse dos mesmos. Cabe ao professor ter o cuidado com o conteúdo das leituras que propõe, visto que é responsável pelo material que veicula no ambiente escolar.

Ao professor fica a incumbência de motivar a leitura, levantar conhecimento prévio de seus alunos, provocando previsões sobre o texto, fazendo questionamentos acerca do assunto abordado na leitura para verificar o que o aluno sabe sobre o contexto. E depois da leitura, avaliar o que se aprendeu e o que modificou no conhecimento que se tinha antes da leitura e refletir sobre o aprendizado.

Cabe ao professor, compreender que é ele o responsável pela mudança que se espera na escola, reestruturar o ensino da leitura, despertando o interesse e o senso crítico de seus alunos, bem como, a construção coletiva e significativa da reestruturação da leitura e modos de ler.

Silva (2009) salienta que, quando na leitura de um texto, coincidir a leitura de mundo, com a leitura de códigos, esta se torna prazerosa ao olhar do leitor, e cada leitor que ler o mesmo livro terá sua interpretação diferente, pois cada um tem sua leitura de mundo diferente, seja pelo tempo vivido ou pela bagagem cultural. Para formar um leitor crítico, cabe ao professor direcionar as leituras, orientar o leitor a compreender o que o autor quis dizer, fornecendo subsídios para que o aluno siga sua trajetória leitora, com autonomia e eficácia.

Conforme Silva (2009), o leitor para formar leitores, precisa partir do princípio da motivação à leitura e um dos autores que inspira o gosto pela leitura, é Monteiro Lobato um exemplo a seguir é o modelo da avó leitora Dona Benta, personagem de sua obra, que ao degustar cada letra do livro, se colocava ao nível das crianças, tanto em idade quanto no linguajar adequado a sua plateia, que era de seus netos e dos empregados. Não somente lia, mas também deixava que todos participassem, expondo suas opiniões, “ela sabia ouvir, algo tão importante quanto saber ler”. O autor salienta a importância de Dona Benta na formação de leitores:

Uma representação simbólica da atitude antiautoritária dessa avó e também reveladora da terceira característica de seu comportamento de leitora – a adequação da linguagem e dos temas ao nível de compreensão da plateia – é a cadeira em que se assenta nessas ocasiões. Nos livros de Lobato, Dona Benta acomoda-se numa cadeira de pernas serradas. Nessa cadeira, ela fica mais baixa, desce ao nível de seus netos e, nessa atitude de igualar-se a eles na altura, abrandando também a posição superior que exerce naturalmente na família, como matriarca; da mesma forma, desce a linguagem e o tratamento dos assuntos de suas leituras ao nível de compreensão de seus ouvintes (SILVA, 2009, p.31).

De acordo com Filho (2009), o precursor da Literatura Infantil, é Monteiro Lobato, não se pode falar em literatura sem citar o escritor. Suas obras literárias destinadas às crianças brasileiras, numa proposta transformadora, dando voz à criança, mesmo que através de uma boneca feita de pano, chamada Emília. No Sítio do Pica-pau Amarelo, Emília (a boneca) aparece na trama como uma personagem contestadora e irreverente. Filho (2009) destaca as características de Lobato:

[...] onipresença da realidade brasileira; olhar empresarial; preocupação com problemas sociais; tentativa de despertar no leitor uma flexibilidade em face do modo habitual de ver o mundo; relativismo de valores; questionamento do etnocentrismo, e a religião como resultado da miséria e da ignorância (FILHO, 2009, p.29).

O autor coloca a obra de Lobato como um divisor de águas, pois antes de Lobato a literatura era carregada de imposições, de preconceitos religiosos, racistas e de tradicionalismos culturais, e após Lobato, a literatura infantil trouxe diversidades de valores, demonstrando o papel importante do homem no cotidiano e sua transformação na sociedade, deu voz a diferentes culturas e seus diversos contextos sociais, buscando algo de grande importância: o sentimento e a voz da criança para cada página de um livro, para suas ilustrações e suas variadas linguagens que se fazem presentes em cada produção artística. Hoje, existem muitas produções literárias artísticas, não simplesmente como um recurso pedagógico, mas como principal função: o lúdico, o libertador, o cognitivo. Preparando a criança para um mundo cheio de diversidades.

Nos livros de Lobato, Dona Benta é um exemplo de contadora de histórias, ao contar uma história busca meios de se igualar ao nível de seus leitores/ouvintes, seja no tom de voz ou mesmo na altura da cadeira, é algo a ser respeitado e imitado, demonstra a necessidade que o professor deve ter em sala de aula, de ver o aluno conforme a sua realidade, trazer o mundo do mesmo para dentro dessa roda de leitura, familiarizar-se com o mundo do leitor/ouvinte, dessa forma haverá uma melhor compreensão e assimilação do texto lido.

Segundo Filho (2009), a literatura tem a importante missão de transmitir a expressão da alma de um povo e sua arte. Não se deve colocar um livro nas mãos de uma criança que não seja familiarizada com alguns tipos de gêneros textuais, e esperar que este desenvolva uma leitura com desenvoltura, por exemplo, uma modalidade textual como poemas. Primeiro o educador prepara o aluno para entender o que é um poema, especificando o que é uma palavra poética, sua sonoridade, a musicalidade que decorre durante o recitar de um poema.

Para o mesmo autor, a musicalidade não somente nos textos que apresentam rimas, mas também nos versos livres onde as palavras são precisas, determinando um sentido para o texto, propicia ao leitor viajar na sua exploração de mundo. Daí a importância da escolha do livro pelo professor, quando a escolha for de gênero narrativo, é importante que o professor discorra sobre os personagens do livro, suas ações, o tempo, o espaço, entre outros; Relacionar o texto literário com o contexto social em que a criança está inserida; Trabalhar literatura em sala de aula é muito mais do que uma simples atividade curricular, é formar leitores, é aumentar a capacidade de ver o mundo e sua interação com a sociedade; Viajar pelo universo da Literatura Infantil, tendo um professor leitor como guia, é conhecer o mundo real e imaginário sem sair da sala de aula.

De acordo com Filho (2009) existem vários métodos para ampliar o projeto pedagógico na formação de leitores, cada professor deve adaptar conforme o amadurecimento de seus alunos, dependendo de sua necessidade, direcionando para o grupo de trabalho específico, como por exemplo, a atividade: “quebra-cabeça”.

Utilizando pequenos textos literários digitados (os mais indicados para esta atividade são os contos, as lendas e as fábulas), o professor recorta as partes da estrutura textual, como algumas do início, outras do desenvolvimento da narrativa e o seu final, para que as crianças montem o texto (FILHO, 2009, p.78).

O autor destaca que nessa atividade o aluno aprende as estruturas textuais que encontrar, nos diferentes textos narrativos de modo lúdico. Essa atividade também é bastante eficiente no ensino fundamental, basta trabalhar com textos mais extensos. Podem ser usadas em rodas de leitura e contação de histórias, estas atividades podem ser realizadas no pátio da escola ou nos jardins, e é uma forma diferenciada de contato com a literatura, fora do ambiente habitual. Nesse contexto, o aluno se expõe, verbaliza com mais naturalidade entre os coleguinhas e com o professor, aumentando assim os vínculos. O professor pode também dividir pequenos grupos, para a contação de histórias, instigando o aparecimento e o crescimento de alguns líderes entre a turma, por ser um ambiente participativo e lúdico.

De acordo com Filho (2009), outra forma de instigar o aluno para a leitura é usar a criatividade criando ‘a hora da novela’. O professor reserva um tempo para ler um livro durante a semana, em pequenos capítulos, fragmentando a história: “Para esta atividade, são sugeridos livros de aventura e mistério, pois esses são ingredientes poderosos para despertar a curiosidade nos “próximos capítulos”, além de promover conversas sobre os personagens e o desenrolar da trama”. Essa metodologia auxiliará o professor para despertar a imaginação, curiosidade e o interesse do aluno com a leitura.

O autor salienta que “A Novela”, é um gênero literário bem conhecido. Fragmentada em várias partes, oferecendo pequenas doses diárias ou semanais, o professor desenvolve a curiosidade dos alunos, levando alguns deles a procurar o livro para saber o que vem depois, e assim, o professor trabalha o gênero literário. Outra forma também de desenvolver o gosto pela leitura é pedir para a criança falar sobre a história, qual ela mais gostou, perguntar sobre os personagens, como viviam e o que comiam. Lembrando aos formadores de leitores que, uma postura crítica, é desenvolvida também pelo aprendizado.

O professor deve entender que a criança está inserida num grupo social e pertence a esse grupo e que seu aprendizado cultural procede desse contexto social. Portanto, a educação formal ensinada nas escolas, deve ser construída partindo dessa cultura grupal.

Analisando por outra perspectiva, Cunha (2003), emite um pensamento diferenciado dos até então expostos, o olhar sobre o adulto formador de leitores, seja familiar ou professor, até onde ele é comprometido com o hábito de ler? Isso é muito preocupante, como posso passar algo que não domino ou que não tenho clareza no assunto? O que se vê no dia a dia, é várias formas de desculpas; falta de tempo, muita cansaço não dá ânimo para ler, os livros são caros, são as mais variadas justificativas. Sobre isso, Cunha (2003) discorre:

Argumentar com a falta de tempo e o cansaço para justificar a pouca (ou nenhuma) leitura é desconhecer que exatamente o cansaço nos obriga a criar um tempo para o descanso, para o lazer. E esse tempo é realmente criado por todos, só que não é ocupado com leitura. Quer dizer: o livro (sobre tudo o de literatura) não é uma opção de lazer, não significa prazer para o adulto (CUNHA, 2003 p.49).

Quando se constata que na maioria das casas brasileiras, não há o hábito de possuir uma biblioteca ou de ir com frequência a bibliotecas públicas, isso demonstra a falta de interesse de conhecer livros e de ler. É mais preocupante quando essa falta de interesse acontece com professores, pois o livro é seu instrumento de trabalho. Quando se fala que um livro é caro, não se leva em conta por quantas pessoas pode ser utilizado o mesmo livro, nem por quantos anos um livro dura, dessa forma há um desprestígio em relação ao mesmo. De

nada adianta os argumentos sobre o livro, se a pessoa não sabe dar seu real valor. A falta de interesse do adulto pela leitura reflete na criança. O adulto sabe a importância da leitura para adquirir conhecimentos, e quer que a criança leia. Segundo Cunha (2003):

A ideia de que a leitura vai fazer um bem à criança ou ao jovem leva-nos a obrigá-los a ler, como lhes impomos a colher de remédio, a injeção, a escova de dente, a escola. Assim, é comum o menino sentir-se coagido, tendo de ler uma obra que não lhe diz nada, tendo de submeter-se a uma avaliação, e sendo punido se não cumprir as regras do jogo que ele não definiu, nem entendeu. É a tortura sutil e sem marcas “observáveis a olho nu”, de que não nos damos conta (CUNHA, 2003, p.51).

Conforme o autor, obrigar a criança a ler, não é uma boa ideia, deve-se instigar o gosto e a consciência da leitura nas crianças, sem obrigá-los, não seria justo imputar essa conta a eles. Cabe à família e a escola, torná-los ouvintes/leitores. A leitura é uma forma de lazer, desde que, instigada da forma correta. A escola pode se valer da leitura/lazer, com criatividade, desenvolver mecanismos que propiciem ao aluno um elevado grau de atenção e consciência, uma participação concreta com prazer, do receptor/leitor, e formar assim, um leitor crítico, criativo e mais consciente.

No entanto, há uma preocupação exacerbada por parte dos professores, que acreditam ser uma obrigação, após a leitura de um texto, desenvolver atividades com seus alunos, mas nem sempre precisa seguir esse ritual, o professor deve ter cuidado quanto às atividades propostas. Conforme ressalta Frantz (2011):

Propor atividades maçantes e repetitivas depois de cada leitura pode ser muito prejudicial ao leitor iniciante. Pode ocorrer o efeito contrário daquele que desejamos: um sentimento de rejeição às leituras antes mesmo de fazê-las e, consequentemente, o distanciamento da criança do mundo da leitura. Por isso é preciso muito cuidado ao encaminharmos essas atividades, para que elas não destruam o prazer de ler no pequeno leitor (FRANTZ, 2011, p.109).

Neste sentido, para o autor é importante sim o professor explicar o texto lido, desenvolver atividades prazerosas com os alunos, trabalhar a criatividade da criança após uma leitura, mas com o zelo de propô-las com o intuito de aprofundar a compreensão sob o texto lido (sem obrigatoriedade), procurando trabalhar o lúdico, e lembrar que, às vezes, é interessante ler pelo simples prazer de ler.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa, pode-se chegar à compreensão de que cabe ao professor ensinar, mediar e praticar a leitura com seus alunos, visto que, considerando a grande produção científica em torno da formação de leitores, do ensino de leitura e do trabalho com a literatura na aproximação do aluno e da leitura, é impossível o professor não encontrar metodologias que o auxiliem nesse processo.

A formação de leitores está vinculada ao processo de socialização, criticidade e autonomia dos estudantes nos dias atuais e, uma vez que o professor encontra certa concorrência nas múltiplas tecnologias que estão à disposição dos alunos, é de extrema relevância que este busque todas as ferramentas que o auxilie no ensino competente da leitura. Entre as metodologias estão os recursos de contação de histórias, a pesquisa, a aproximação do aluno com os autores das obras trabalhadas, entre outros.

Atualmente, muitos autores apresentam métodos e técnicas de trabalho com a literatura, organizado por faixa etária e por conteúdo das obras, baseados nas características de cada idade da criança.

Sendo assim, pode-se afirmar que a literatura contribui para a formação de leitores literários quando, a obra propõe questionamentos aos leitores e desafia estes à compreensão e a crítica competente daquilo que se lê, pois, como afirma Paulo Freire, “é necessário ensinar a ler e escrever, e ensinar o aluno a compreender o que lê e o que escreve”.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: set.2018.
- CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.
- CASCADEL-PR. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo para Rede pública municipal de ensino de Cascavel**. Cascavel-PR: Progressiva, 2008.
- CUNICO, Porto e Cordova, Celia, Márcia, Maurizio. **Literatura Paranaense em Sala de Aula**. Curitiba: Inventar, 2014.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. 18. ed. 3. imp. São Paulo: Ática, 2003.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A Literatura nas Séries Iniciais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história & histórias. 6. ed. 4. imp. São Paulo: Ática, 2004.

LOBATO, Monteiro. D. Quixote das crianças. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. Fábulas: histórias diversas. São Paulo: Brasiliense, 1969.

_____. Serões de Dona Benta. 22.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura Literária & Outras Leituras**: Impasses e Alternativas no Trabalho do Professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira. **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: O mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

YUNES, Eliana. **Tecendo um Leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymarã Edições e Tecnologia Ltda, 2009.